

SOBRE O SENTIDO – CONVERSA NO JARDIM

Martin Buber¹Tradução de Enio Paulo Giachini²

DANIEL: Ouvei teus passos ao longo dos muros de meu jardim, rápidos e jovens como do inesperado – e inesperado chegaste, pois, Reinold: nunca antes tinhas me visitado de manhã. Sejas bem-vindo; a essa hora, posso dizer isso a poucas pessoas. Pois quantos entre os amigos gostaria de resistir em frente ao jardim despertando? As árvores rechaçam quem não está em pé e presente; as flores julgam quem não se levanta e se entrega ao sol; e quem não conhece o repouso do devir, contra esse cada talo de grama se levanta como uma espada chamejante.

REINOLD: É a primeira vez que te ouço me louvar, Daniel. Muitas vezes já pensei como seria quando um dia me louvasses e como isso me alegraria. E agora tu me louvaste, tão firme, e não consigo me alegrar. Pois sei que não resisto frente ao teu jardim. Descanso do devir, dizes – mas eu já não conheço descanso. Apenas inquietação e descaminho e uma terrível insegurança tornaram-se minhas parceiras.

DANIEL: Como se deu isso contigo, Reinold? Pois que isso te seja estranho, isso ainda o sentes agora.

REINOLD: Foi para isso que vim conversar contigo, para te contar a respeito. Mas agora que estou aqui, sinto vergonha de mim. Quando eu era criança, certa vez vim correndo até minha mãe lhe contar que apanhara um peixe; ela olhou pra mim, e só então vi que ela estava sentada ao tear; e de repente meu peixe perdeu toda a importância frente aos fios que iam surgindo e desaparecendo – e toda vez que pensava nisso ficava envergonhado.

¹ BUBER, M. D. *Gespräche von der Verwirklichung*. In: BUBER, M. *Martin Buber Werke*. Erster Band. Schriften zur Philosophie. Munique: Kösel Verlag, 1962, p. 32-46.

² FAE Centro universitário. *E-mail*: enio.giachini@bomjesus.br

DANIEL: Vá em frente e fale. Enquanto alguém se encontra no repouso de seu dever, o Tu que ele traz em si mesmo poderá ser-lhe suficiente. Mas quando a maré o alcança, se vê obrigado e chamado a encontrar no mundo o Tu com quem ele conversava.

REINOLD: Certa vez leste para nós um canto celta; nele havia dois versos que me tocaram, como se eu os conhecesse e os tivesse esquecido desde há muito:

Não te demoras por muito tempo perambulando

No campo com o coração ardente.

Essa foi minha infância, Daniel. O campo com o coração ardente. Como o corpo cálido tem seu coração, que recolhe e distribui todo o sangue, e ali está o centro e a unidade do movimento dos fluidos, e assim a vida da criança tinha um coração: tinha um *sentido* indizível, ineludivelmente real, que lhe servia de centro e unidade. Um sentido, Daniel, um sentido único, unificador. E saiba que eu não era desregrado como as demais crianças e minha vida tinha sentido. Não vinha de lugar algum, estava simplesmente ali e eu o sentia, como se sente o coração bater: aí está você, do meu jeito, confiável, aventureiro, pequeno sol íntimo desse mundo maravilhoso! Sentido, sentido – as estrelas cadentes das noites de outono não tinham menos sentido do que os cabelos cortados que eu via caindo; os estreitos, imensuráveis horizontes de meu espaço e tempo eram circundados por uma borda dourada de sentido. Nada me acontecia sem sentido; se acordava no escuro da música de um sonho, encontrava a noite do abraço materno e palavras ainda mais maternas do que aquelas, e quando era abatido por uma doença grave, recebia a visita de muitos que ademais não via, e o plano chapado em que eu vivia se transformava em esfera. E as coisas, as coisas, Daniel: a concavidade das coisas estava em meus sentidos; as coisas se aninhavam, como o pêssigo na mão vazia. Todo ser e todo acontecimento estavam onde e como deviam estar, mais e diferente que um cálculo, mais e diferente do que o acordo de uma canção; tudo estava em consonância comigo, tudo estava em consonância e tudo estava em acordo consigo mesmo. É claro que a vida não me parecia pronta e acabada, adequada; mas a dureza e agudez, o confronto e as desavenças eram como contornos interpostos no caminho de um jogo, que tem como natural todo tipo de contornos em suas regras e justo por isso faz sentido. Então eu me sentia seguro, Daniel, dez anos, doze anos, dezesseis anos, mais seguro no mundo do que sugando

ao peito materno; dez, doze, dezesseis anos, seguro com a segurança de domínio. E saí de minha infância sem sair de minha segurança. Aprendi a conhecer as claras dualidades da vida, da inimizade e do amor, e o sentido não murchou: o inimigo, a mulher se me aproximavam a partir de meu mundo e não do estranho; ele não era meu contendente, ela não era minha tentadora, mas ambos da minha mesma estirpe, ligados por veias e artérias que desembocavam naquele coração, o sentido. E não era gentil com um, e calmo com a outra, mas originária e eternamente familiar a ambos em meio à raiva e ao desejo. Assim, fluiam e repousavam meus 18, 20, 23 anos, na segurança da harmonia e do comando. Eu já não era criança, mas em torno a mim a toda hora brincava uma criança feliz, meu irmão mundo; e enquanto ela me estava próxima e eu lhe dava atenção, de nada me sentia ameaçado.

Afora tu, outros iriam me perguntar o que “aconteceu”. Mas tu, certa vez, nos dissestes, que as decisões não habitam no alento mas na depressão das dobras, e assim tu me compreendes.

Nesse começo de ano, viajava para casa do Sul e parei uma noite em Spezia. Queria prosseguir viagem à noite, mas a vista do mar era tão forte que julguei tolice querer afrontá-la com minha intenção. Detive-me, fui até o porto, peguei um pequeno barco e remei para o largo. Era lua nova, mas das profundezas soprava sobre mim o coro das estrelas do sul; meu remo cortava maré escura e brilho encoberto; o ilimitado era o leito de minha alma, céu, noite e mar eram meu travesseiro. Uma daquelas horas em que o que quer que façamos não temos ciência mais firme do que o que se faz em torno a nós e conosco. Assim, quando virei o barco e o direcionei para a costa, quase não tinha ciência da ação de minhas mãos. Então olhei despreocupado – e estremei. Tudo que há pouco eu tinha desaparecera. Da infinitude muda espreitava espantado um exército de luzes errantes numa infinitude surda, ameaçando, abriam-se e fechavam-se ao meu redor, milhares de lábios úmidos num sorriso cruel e na minha nuca crescia, escura e palpável como uma traição, a presença do ser noturno. Onde se encontrava o leito de minha alma havia o nada; seduzida, traída e rejeitada, ela pendia no cinza da noite entre mar e céu. Nada compreendi, mas lutei para me defender. Estou aqui, estou aqui, gritei, e não podes me aniquilar; senti força em ombros e coxas, juntos, os pés firmes no fundo, remei: para a costa! Então fui obrigado a girar a cabeça, e uma nesga de luz estridente passou por uma faixa da costa e desprendeu-a. levantou-se despudorada do escuro e gritava a loucura de sua clareza por sobre a

maré. Clareza – eu não reconheci; ousada e estranha saltou da noite como de um portal de casa escuro. E logo a noite voltou a engoli-la. Por um momento pude me conter e tudo *sabia*: a tempestade que se aproximava e o cruzeiro lá em cima que permitiu lançar os faróis. Mas logo em seguida de novo o raio frio cindiu a terra e meu saber já não me servia pra nada. Vastidões assustadoras de terra iam dissolvendo-se mutuamente num serviço absurdo; não como partes de uma costa – como gritos de fantasmas. Eu “sabia” que estavam interligados, uma região ocupada e amistosa, sabia do ruído dos filhos de pescadores em seus leitões e do sapatear da dança dos marinheiros na taberna; mas eu não sentia nenhuma coesão, mas gritos, gritos e no entremeio o abismo. O abismo estava ali no entremeio entre pedaço e outro do mundo, entre coisa e coisa, entre imagem e essência, entre mundo e eu – quando fui atingido pela luz dos faróis. E os pés firmes ao fundo, trabalhando com os braços, remando ciente para a costa, cercado dessa verdade assustadora, anelava pelo consolo como o Cristão moribundo pelo corpo de Cristo, e minha alma atribulada desejava seu sacramento, o *sentido*: – ali o sentido morrera, uma fenda de sangue se abriu nele. E eu vi o definitivo: em mim, bem dentro de mim mesmo estava o abismo. Eu fora dividido para sempre; mas não entre corpo e alma, esses estavam conectados e soltos como sempre; mas na duplicidade proteica de mil faces do claro uno e do escuro outro, entremeado pelo abismo eterno. Ali rompeu-se minha última segurança; prostrado e entregue trilhei a costa e era como se eu trilhasse uma vida dissonante, desconectada. Por trás de mim levantava-se a tempestade sobre o mar, na minha frente a terra sossegada; mas para mim era como se me encaminhasse de meu último esconderijo trêmulo de sossego para dentro da tempestade impetuosa que jamais cessa.

Desde então o abismo está sempre diante de mim. O inominável, anunciado por tudo que tem nome. Que estranho, Daniel, muitas vezes quando eu sentia segurança, parecia-me que as pessoas eram inseguras em suas questões e dúvidas; mas agora que perdi minha base, elas estão perto de mim numa indiferença superior como o sóbrio frente ao bêbado. E no entanto, elas sabem a respeito do abismo; mas também elas estão bem informadas. E não economizam adornos a suas informações.

Eis os especialistas de mundo. Esse é o abismo entre as coisas e a consciência, dizem eles; e esse abismo é uma ilusão, pois a consciência é uma entre muitas forças e tudo é um. – Mas que me aproveita que eles deneguem aquilo que experimentei com meu ser? Devo submeter a tempestade de meu conhecimento a uma fórmula para

que eles a testem e a descartem? A verdade deverá credenciar-se numa comparação pronta em vez de credenciar-se na totalidade de minha vivência?

Eis os entendidos de Deus. Esse é o abismo entre o homem e Deus, dizem eles; e ele foi locupletado num determinado lugar, num determinado dia para todo aquele que acredita de ora em diante nessa locupletação. – Mas isso não serve para mim, pois para mim deveria ser preenchido aqui e agora, pois é aqui e agora que estou vendo-o. Agora e aqui é infinitude e eternidade como o é em qualquer lugar e tempo; e o abismo está aqui e agora. E prefiro olhar para ele todos os dias e em todos os sonhos e ainda na hora de minha morte do que passar um unguento em meus olhos e cegar-me de minha verdade.

Eis então os especialistas do espírito. Esse é o abismo entre a ideia e a experiência, dizem eles; e nossa tarefa é construir uma ponte para esse abismo. E eles edificam pontes a partir do brilho mais transparente, as mais belas do mundo. Mas é só o pensamento que pode por elas passar; sob qualquer outro passo elas ruiriam. E não é meu *pensamento* que contempla o abismo, é meu *ser*: essa coisa feita de pedra e tempestade, maré e chama, esse todo, impetuoso, vibrante – essa substância. Ei-lo, o elementar e sorri às belas pontes, sobre as quais dança o pensamento.

Eis aí os especialistas em mistério. É o abismo entre o mundo aparente e o mundo verdadeiro, dizem eles; nós o sobrevoamos com nosso mistério. E, verdadeiramente, eles têm uma nave, miraculosa, enfeitada de puro mistério; ela sobe tinindo, verticalmente para o ar. Eles me levam consigo, e foi para mim maravilhoso, como se por trás da importante seriedade houvesse apenas um brinquedo. E era precisamente assim, pois ao retornarmos aqui abaixo, eles disseram: agora estamos lá em cima. Pareceu-me estranho, pois era tudo igual como é cá embaixo. E quando olhei direito, percebi que estávamos no mesmo lugar que antes. Então segui meu caminho.

E agora venho a ti, Daniel: a ver se me podes dizer o que devo fazer.

DANIEL: Imagina um andarilho, numa noite profunda e escura, perdido por horas numa estrada distante, chega então numa cidade desconhecida. Por horas a fio ele caminhou no escuro vazio das charnecas, sem sentir presença alguma ao seu lado a não ser arbustos secos; agora adentra uma outra escuridão, repleta até a borda de uma vida estranha, ameaçadora. As casas aparecem como monstros vagos com olhos fixos, e gargantas traiçoeiramente fechadas, entre as casas estende-se o

incerto, e as luzes que tremulam no fundo de neblina são instáveis como os sinais de um bando de ladrões. Não se ouve um passo na rua, nenhum ruído; mas seu calar não inspira confiança e sua lassidão está à espreita; por trás do visível confuso, ao redor da total invisibilidade, se aglomera, se apinha, se revira o perigo. E no coração apertado do andarilho se avoluma um desejo – por segurança. E porque ele deseja segurança, precisa mais do que tudo disso: familiarizar-se (*sich auskennen*). Que tipo de cidade é essa? Para onde conduz essa rua? Como posso sair dessa situação estranha? Familiarizar-se – essa é a chave da salvação e do socorro, é a própria segurança.

Esse é o tipo de desejo daqueles que são tomados pelo susto do ilimitado ou pela visão da contradição e buscam conservar-se. Seu ser amadureceu para o conhecimento, o mistério se lhes abriu, mas não se armam para enfrentá-lo. O irracional os angustia; em vez de *realizá-lo*, acolhê-lo na vivência com toda força do instante, buscam proteger sua segurança. Toda vivência com todo ser e com força irrestrita implica perigo; pois não há coisa alguma, não há situação, nenhum acontecimento do mundo que, reconhecido como tal, não revele sua profundidade originária e abale ameaçando a estabilidade do cognoscente. Mas o que eles desejam evitar é o perigo; por uma vã problemática não desejam arriscar a pele. Eles querem segurança; e segurança de uma vez por todas. Quem vive sua vida no conhecimento verdadeiro, realizador, tem de começar eternamente de novo, ousar tudo de novo eternamente; e assim, sua verdade não é um ter, mas um devir. Mas eles querem saber no que estão metidos; não querem estar a caminho, mas em casa; querem ser amparados e assegurados; querem ter uma verdade geral sólida, que não possa ser derrubada. Só querem estar familiarizados; buscam apenas *orientar-se* no mundo, ou seja: conservar-se no mundo. Então constroem sua arca ou mandam-na fazer, e chamam essa arca de visão de mundo; não só selam suas fendas mas também passam piche selando suas janelas. Mas lá fora estão as águas do mundo vivo.

Coloca porém outro andarilho naquele lugar, situado na mesma rua e na mesma hora. Ele anda, ele se coloca de pé, ele se volta, com os sentidos bem atentos, com espírito aberto, disposto e firme. Ele não deseja familiarizar-se e ter informações; como ele poderia experimentar desse aqui mais que o agora? Ele só deseja vivenciar esse aqui, o escuro selvagem, as fachadas bestiais lívidas das casas e as luzes bruxuleantes na profundidade, e tão intensamente que se torne em realidade e mensagem. Pra que irá servir-lhe saber que cidade é essa? Aqui, se lhe fala em outras

línguas, diferentes daquela língua onde há nomes. O que significa para ele saber para onde conduz essa rua? Agora ele está nela, verdadeiramente nela, e não gostaria de estar noutra lugar. Ela não lhe é estranha. O indeterminado não lhe anuncia tão fielmente do ser do ente como o determinado, o traçoeiro não testemunha sobre o poder sagrado tão fervorosamente como o que é confiável? Dá atenção à respiração contida do que espreita tanto quanto ao respirar sereno do que dorme. Ele conhece o perigo e vai ao seu encontro se assim for preciso; ele tem o punho forte e sabe se defender; mas o que seria a vida se não caminhasse para o aberto e não ameaçasse uma reviravolta? O script da vida é tão indizivelmente belo de se ler porque a morte espreita por trás de nossos ombros.

É assim o caminho daquele que se atreve à realização, segundo suas forças. Ele não busca segurança da familiaridade, que só pode dar-se quando a vivência não é vivida até o fundo, quando se acolhe apenas a superfície que pode ser racionalizada e classificada; ele ama o perigo e a verdade indedutível que o ousado retira das profundezas. Ele não quer saber em que está metido; e como poderia, já que não está sempre no igual, mas eternamente no novo. Sempre no limite do extremo; eternamente em Deus, posso dizer, visto que Deus não tem outro modo de se realizar para o homem a não ser na presença íntima de uma vivência, que não é o igual, mas o eternamente novo, o limite do extremo, o Deus dessa vivência. A orientação, que se dá ares de abranger tudo, é absolutamente ateia, mesmo a dos teólogos, que classificam seu Deus na causalidade, uma fórmula auxiliar da orientação, e a do espiritualista, que tem total informação do “mundo verdadeiro” projetando sua topografia. Toda religiosidade degenera em religião e igreja quando começa a orientar-se: quando ao invés de oferecer a única coisa necessária, apresenta uma visão geral de fé do aquém e do além, ao invés do devir, o ter, em vez do perigo promete a segurança.

Toda segurança prometida, toda segurança desejada e conquistada significa: conservar-se. Isso é prometido e distribuído ao fiel de todas as antigas e novas igrejas. Mas aquele que ama o perigo e exerce a realização não quer se conservar, mas realizar-se. Está desprotegido no mundo, mas não ao Deus dará; pois nada poderá confundir-lo. Ele não está em casa no mundo, e no entanto sente-se constantemente em seu lar; pois a base de cada coisa quer dar-lhe abrigo. Ele não possui o mundo, mas habita em seu amor; pois ele realiza todo ser em sua realidade. Não tem informação sobre

nenhuma segurança, e jamais está inseguro; pois ele tem como indestrutivelmente próprio aquilo frente a que toda segurança é nada e empalidece: a direção e o sentido.

O andarilho que fica em pé não está orientado e não o quer ser; não sabe como se chama a cidade, por onde trilhou, como se chama a praça para onde levou a rua; mas ao avançar, seus passos não vacilaram, e quando se defrontou com uma encruzilhada, escolheu com pronta decisão, guiado por um comando profundo. Quem tem direção nada sabe como a vontade é determinada em causa e efeito, nem o que se deve considerar bem e mal, nem que há desenvolvimento, ao qual se deva se adaptar; mas quando ele age cumpre sua ação e nenhuma outra, escolhe sua sorte e nenhuma outra, decide com sua essência. O seguro está enredado na rede de seu sistema de orientação; sua ação está em sua área de mundo e tempo e não tem mais espaço do que aquele concedido por sua área; está delimitado na frente a atrás pelo desenvolvimento, pois como confiaria fazer aquilo que o desenvolvimento não autoriza? Mas aquele que tem direção e exerce a realização, seus atos não estão restritos em causalidade e desenvolvimento; ele se sente livre, ele age como alguém livre; deixe que os adeptos da orientação chamem sua liberdade de negação da subjetividade; deixe que demonstrem a condicionalidade de seus atos e descreva seu surgimento: pode-se ajustar tudo que não estiver ajustado em sua realidade, os pósteros verão a revolução como evolução. Mas àquele que começa sempre de novo, o ato é o encanto como era para os primitivos: como a ação mágica não depende de uma corrente sequencial, mas faz surgir com ela um evento no mundo e o finaliza a partir dela, como no caminho do atuante para o atuado se expressa o todo e se fecha o círculo, assim, aquele que começa sempre de novo faz seu atos a partir de si no ser como um ato de criação e de terminação. Isso é direção: o poder mágico do agente livre que quer se realizar e elege seu agir com a essência.

Sobre isso brilha a estrela *sentido* e lança seu brilho em todo acontecer.

O errante, que se pôs em pé na estrada derradeira e não vacilava nas encruzilhadas chegou a um lugar cercado de plátanos; ele assentou-se sob um deles e contemplou o céu. Nesse instante as nuvens se abriram e apareceu aos olhos do varão uma estrela solitária, muito clara, que a cumprimentou como a uma irmã. Ele disse: “todo esse tempo estavas voltada para mim e agora eu também te *vejo*, distante e amistosa, tu sempre presente!”, e na luz da estrela surgiu a ele, numa grande verdade, atemporalmente e de uma vez, toda sua peregrinação, a charneca e a estrada, e esse

local entre os plátanos, profundamente vivo num sentido uno, como um mito da essência e como uma revelação.

O *sentido* não é como a arca da auto-conservação, enfeitada de placas e com juntas pichadas, mas criado unitariamente a partir da matéria elementar, como o carro de fogo que abduziu Elias. Não será possível colá-lo a partir de qualquer tipo de experiências, tampouco pode ser ensinado e transmitido, mas é dado como próprio e originário à alma para ser desenvolvido e credenciado em sua vivência. E como se dá com o artista plástico que só quer a imagem, mas a obra alcança expressão do espírito e para anunciar seu demônio, assim se transfigura a alma, que nada mais quer que viver a partir do fundo e criar realidade, o mundo vivido na luz do sentido para um espelho sagrado, onde possam se mostrar os sinais da essência original.

A orientação encaixa todo acontecimento em fórmulas, regras, conexões, que sejam úteis em seu entorno, mas que se tornam restritas e infrutíferas para um entorno mais livre. Realização relaciona todo acontecimento e processo apenas ao seu próprio conteúdo e justo com isso estabelece-o como sinal do eterno. Como em seus atos, aquele que habita no amor ao mundo, é aparentado com os primitivos, também em seu conhecimento, está próximo dos criadores de mitos: como no mito, um acontecimento significativo da natureza e da humanidade, por exemplo a vida do herói, não é classificado num contexto de saber, mas conserva em si algo de precioso e consagrado, adornado com o orgulho de todas as esferas, elevado como uma imagem estelar significativa no céu da existência interior, e como em sua elevada solidão se torna numa figura de todos os destinos e num selo do espírito pressentido do mundo, assim aquele que habita no amor do mundo não conhece a parte de um contexto, mas um algo totalmente captado, formado em si, como uma figura e um selo que sustenta todo sentido. Isso é sentido: a verdade mítica de um cognoscente livre, que relaciona todo acontecimento apenas ao seu conteúdo e o forma assim num signo do eterno. Ele recebe o que lhe acontece como uma mensagem, ele faz o que é necessário como um encargo e uma anunciação.

E assim, na conceituação humana, ele não tem qualquer imagem de mundo; na verdade ele tem uma imagem tão direta como o pano de Verônica: em sua vida. Ele não sabe do mundo e não sabe se é possível dele saber; mas lhe é outorgado o ignorado (*Unwissbare*) como algo vivo nele e por ele. Pois, como o primitivo, que tem na magia sua ação essencial, no mito tem seu conhecimento essencial, e palmilha o

mistério como aliança e festa, onde ele vence a estranheza unindo-se ao Deus, assim, aquele que tem a direção e o sentido palmilha um mistério eternamente novo em sua vivência realizadora: que realiza Deus em todas as coisas. Uma vez que Deus quer ser realizado, e toda realidade é realidade de Deus, e não há realidade a não ser através do homem que realiza a si e a todo o ser.

Esse é o reino de Deus, Reinold: o reino do perigo e da ousadia, do eterno começar e do eterno devir, do espírito aberto e da realização profunda, o reino da insegurança sagrada.

Segurança – assim chamaste ao hálito de tua primeira vida. Mas essa não era a segurança daqueles que se conservam e buscam familiaridade. Era a segurança do sonâmbulo. Crianças são sonâmbulos no mundo. Passam por todos os abismos sem perigo, pois não os veem. A direção neles está sonhando, ela guia seus passos, onírico o sentido no qual tudo se preenche para eles. Eles realizam sua vivência oniricamente. Lhes é concedido realizar sem ousadia, pois não percebem a dualidade interna e assim também todas as coisas se lhes apresentam indivisas. Tudo se sintoniza com eles como uma dança de roda, onde brinca a própria contradição. Se Deus quiser se lhes manifestar deve revestir-se de músico ambulante e fazer uma careta de bobo.

Então vem a hora de despertar. Ela pode vir tardiamente. Há pessoas cuja força realizadora é tão grande que em sua primeira forma, a simplicidade onírica, sobrevive à infância. Igualmente: acontece de alguém que atravessou inúmeras vezes o abismo, o vê inesperadamente abrir-se sob seus pés. O abismo da contradição e da contrariedade: o abismo da dualidade imanente de mil nomes de todas as coisas. Chama-o das profundezas; e então ele reconhece que nele mesmo responde a um abismo, também ele com mil nomes: o abismo da dualidade interna. Então estremece. E em seu estremezimento se defronta com a escolha: a quem irá conceder poder, à orientação ou à realização. Não se trata de entregar-se indiviso a uma: nenhuma pode sobreviver sem a outra; trata-se de soberania. A orientação lhe promete a segurança. A realização nada tem a prometer. Ela diz: Se queres tornar-te meu, deves mergulhar nesse abismo. Não é de se admirar que aquele que tem de escolher se entregue à amiga a mais amistosa e só de soslaio e em raras horas de autorreflexão, lance um olhar saudoso à outra.

Tu decidiste, Reinold, a quem não queres seguir. E assim também decidiste a quem queres seguir. Sabias desde sempre o que deves fazer, e o sabes também agora; pois a direção está em ti como sempre esteve. Mas agora é o tempo em que a primeira força, a onírica, está findando, e a segunda força, a desperta, quer levantar-se. Ela está ali tímida, pensativa, como que ouvindo um chamado distante. Mas o fato de teres falado comigo hoje é seu primeiro novo passo, e agora ela conhece novamente seu caminho.

Parece-te que o sentido esteja morto, Reinold. É porque ele quer renovar-se. No coração onírico repousava um coração ousado; agora ele quer levantar-se: quer despertar de sua vida incoativa para uma vida alada. Na luz do sentido estava contida para ti a dualidade do mundo; a partir dele a dualidade vinha ter contigo; agora tens de apreendê-la novamente na luz que ressurge. Assim o sentido renasceu para ti; e de ora em diante nada te poderá prejudicar.

Até agora o repouso de teu devir era onírico, e agora foi perturbado pela inquietação e o descaminho. Deves reconquistá-lo, e agora como repouso desperto. Ele tinha pés leves e um olhar florido, e nada sabia de perigo. Agora sairás com ele e afrontarás os perigos. E retornará de cada caminho com anelo mais forte e olhos mais firmes. Mas consola-te: seu passo não esquece a dança e seu olhar a carícia.

Perigo, perigo, perigo: esse é teu caminho de ora em diante. “Deus e os sonhos!”, diz uma canção, Reinold, o canto das manhãs bem-aventuradas. Mas que teu mote seja: Deus e o perigo. Pois o perigo é a porta da realidade profunda, e realidade é o prêmio máximo da vida e o nascimento eterno de Deus.

E se os poetas retornassem dos tempos e me perguntassem todos; “Não planejei para mim a mais bela das vidas?”, eu responderia: a mais bela das vidas, que planejei é a vida do cavaleiro Dom Quixote, que inventava o perigo onde não o encontrava. Mas ainda mais bela é a vida vivida daquele que encontra o perigo em todo lugar. Todo criar está na fronteira do ser; todo criar é ousadia. Quem não expõe sua alma ousadamente, só poderá imitar o criador.

De pé e pronto, aberto e dedicado, viva no repouso de teu devir, e ame o perigo. Não tens qualquer segurança no mundo, mas tens a direção e o sentido, e Deus, que quer ser realizado, o Deus dos ousados estará sempre próximo de ti.

E esse é teu próximo perigo: desce ao abismo! Realiza-o! reconhece sua essência, a polaridade inominável do ser, com seus mil nomes, entre parte e parte do mundo,

entre coisa e coisa, entre imagem e essência, entre mundo e ti, no imo de ti mesmo, em todos os lugares, com suas tensões vibrantes e sua contraposição torrencial. Reconhece os sinais do ser originário nela. E reconhece que ela é tarefa tua: criar unidade a partir da tua dualidade e da de todos, impor unidade no mundo; não é unidade da mistura como fabula o que vive em segurança: unidade quista a partir de tensão e torrente, ao modo como serve à terra polarizada – uma vez que o rosto do Deus realizador brilha a partir de tensão e torrente. Mas reconhece também que essa é a tarefa infinita; e que aqui não se aplica o de-uma-vez-por-todas, mas que deves descer sempre de novo aos abismos errantes, arriscar sempre de novo a alma, sempre de novo comprometido com a sagrada insegurança.